



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

[cepea@esalq.usp.br](mailto:cepea@esalq.usp.br) • <http://cepea.esalq.usp.br>

Piracicaba, 28 de novembro de 2011.

## **CRISE DO EURO PODE NÃO AJUDAR NO COMBATE À INFLAÇÃO**

***Geraldo Barros***

Professor titular da USP/Esalq; Coordenador do Cepea

[cepea@esalq.usp.br](mailto:cepea@esalq.usp.br)

A crise internacional de 2008, que ainda não se arrefeceu, desnudou a governança deficiente não somente na Zona do Euro, um conglomerado de países de culturas, línguas e níveis de desenvolvimento diferentes, mas também nos Estados Unidos, uma república democrática desenvolvida e consolidada. Em meio à imensa turbulência, os países emergentes procuram minimizar os estragos que podem agravar a inflação e comprometer o crescimento.

Nos Estados Unidos, a expansão exagerada da liquidez sem as necessárias regulações levou, primeiro, a um forte crescimento mundial, mas, depois, à crise *subprime*, deixando desemprego muito elevado e o governo e população atolados em dívida. O banco central americano tenta quase que inutilmente reavivar a economia provendo mais liquidez, gerando desajustes cambiais, que perturbam os demais países. Prossegue uma batalha deplorável entre partidos políticos que, ao invés de conceberem um plano fiscal sustentável, mantêm a administração pública de mãos atadas.

A Zona do Euro, contagiada pela crise americana, mostra tremendas fragilidades: um banco central com limitada capacidade de atuação, política fiscal descoordenada e impossibilidade de ajustes cambiais. Uma cúpula improvisada vai impondo soluções extemporâneas: corretas se aplicadas em tempos de bonança ou normalidade, mas que, na crise, levam ao caos social e à queda em cascata de governos de países-membros.

A China foi a grande beneficiária das imprudências dos países desenvolvidos, aproveitando-se do consumo desenfreado nos Estados Unidos que antecedeu a crise. Foi hábil ao usar o privilégio de mesclar doses certas de autoritarismo político e econômico com a vitalidade do capitalismo para investir maciçamente, aumentar a produtividade, conter custos e manipular (atrelar ao dólar) sua taxa de câmbio. Mas agora sente a perda de mercados, inflação em alta e necessidade de conter parcialmente seu crescimento, voltando-se mais para o mercado interno.

O Brasil também tirou proveito da expansão mundial pré-crise, com forte crescimento das exportações puxadas pela China. Expandiu o consumo interno alimentado pelo crédito abundante, prolongado e caro. Emprego e salários cresceram, mesmo com baixo investimento e falta de competitividade industrial. Usou agilmente medidas contra-cíclicas, mas demorou para retirá-las e para entender o impacto que a recuperação de preços das commodities teria sobre a inflação. Quando as medidas de estímulo foram suspensas e os juros aumentados, à desejada queda da atividade no Brasil veio se somar a desesperança em relação à solução das crises na Europa e nos Estados Unidos. Uma manobra de alto risco foi realizada, invertendo-se a curva dos juros em meio a uma inflação elevada, contando-



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA  
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

cepea@esalq.usp.br • <http://cepea.esalq.usp.br>

Piracicaba, 28 de novembro de 2011.

se fundamentalmente com a ajuda do esfriamento provocado pelo agravamento da crise e por um prometido aperto fiscal.

Para 2012, não há sinais importantes de queda das commodities (exceto devido à insistente valorização do dólar americano), há indicações relativamente seguras de desvalorização do Real e certeza de substancial aumento dos salários. Será que, além de crescer pouco, o País vai ter inflação alta? Será sustentável a queda dos juros?

Este artigo com o título **“Crise do euro pode não ajudar no combate à inflação”** foi publicada no

sábado, 26 de novembro de 2011, em: **FOLHA DE S.PAULO mercado**

Neste jornal, porém, por equívoco da edição, no segundo parágrafo, ao invés de banco central americano, foi informado banco central europeu.

O autor é responsável pelas pesquisas macroeconômicas do Cepea, que incluem cálculos mensais do Produto Interno Bruto e de Índices de Exportação, ambos do agronegócio brasileiro:

[www.cepea.esalq.usp.br](http://www.cepea.esalq.usp.br)

Outros artigos de Geraldo Barros: <http://www.cepea.esalq.usp.br/imprensa/?page=342>